

PRÁTICA DE ENSINO DE MÚSICA COM CRIANÇAS AUTISTAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE AÇÕES DESENVOLVIDAS NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

Comunicação

Ana Cléia de Moraes Pacheco
Universidade Federal de Roraima
aninha.pacheco.17@gmail.com

José Rodrigo Santos Velho
Universidade Federal de Roraima
rodrigo.velho@ufrr.br

Resumo: O presente texto traz um recorte dos resultados do Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Música da autora Ana Cléia de Moraes Pacheco orientado pelo segundo autor José Rodrigo Santos Velho no Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Roraima UFRR. O trabalho teve o objetivo experimentar atividades de musicalização para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em um projeto piloto desenvolvido no Colégio de Aplicação (CAp) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Assim, buscou-se: a) refletir sobre os processos de ensino em música para crianças com TEA; b) elaborar atividades pedagógico-musicais para o contexto da Educação Básica; e c) experimentar e relatar as atividades desenvolvidas. O desenvolvimento deste trabalho ocorreu através de uma pesquisa-ação que envolveu a pesquisadora e as pessoas envolvidas no estudo da realidade, no caso, as crianças com TEA e seus responsáveis, os registros foram coletados por meio de aplicação de questionários feitos através do Google Formulários e jogos aplicados durante as aulas ministradas para as crianças com TEA. Os resultados demonstraram que os jogos dentro da educação musical podem ser uma estratégia eficaz para estimulação da percepção sensorial em crianças com TEA e indicaram que a prática musical pode auxiliar no desenvolvimento motor, trabalhar a concentração e percepção sensorial e corporal. A pesquisa também identificou algumas limitações, como a repetição demasiada de alguns gestos para que as crianças com TEA pudessem imitar, houve dificuldades na execução de outras atividades, pois, nem todas queriam realizar o jogo ou perdiam logo o foco. Um ponto importante que emerge dos resultados é que os jogos dentro da educação musical podem ser um meio eficaz de comunicação e interação social para crianças autistas. As atividades pedagógico-musicais podem ajudá-las a se expressarem e se comunicarem com o mundo ao seu redor.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Educação Musical. Jogos.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E EDUCAÇÃO

O transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo a versão mais recente do DSM (sigla para Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders ou Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), o DSM-5, é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado de déficits e padrões restritos ou repetitivos causando prejuízos nas áreas de socialização profissional, acadêmico e emocional.

A condição e característica autista no seu comportamento são bastante específicas, como: dificuldade nas relações afetivas, distanciamento social, linguagem formal rígida, boa potencialidade cognitiva presente, comportamentos rotineiros e ritualístico, início precoce e maiores casos no gênero masculino.

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação sociais em múltiplos contextos, incluindo déficits em reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. (DSM-5, 2022, p. 36)

A palavra “autismo” foi utilizada pela primeira vez como uma manifestação da esquizofrenia, no ano de 1911 por Bleuler, psiquiatra suíço, dado esse nome por “viverem em seu mundo” ou simplesmente “fugirem da realidade” (Cunha, 2012, p. 20). Com Leo Kanner, psiquiatra infantil, houve uma evolução da terminologia, que na caracterização do caso I, descreveu uma criança de cinco anos, que era “[...] extremamente autística”, porém, essa constelação de comportamentos não tinha nomes, até que Kanner os descrevesse e os caracterizasse como um quadro psicopatológico.

Para chegar à nomenclatura utilizada hoje em dia, o termo autismo passou por diversas mudanças, apenas no DSM V, que introduziu inúmeras mudanças baseadas em uma revisão das duas décadas de trabalho que se seguiram ao DSM-IV, que utilizava o termo “Perturbações globais do desenvolvimento” (DSM-4, 2002, 69-70), um tanto esquisito, que havia sido empregado por muitos anos, foi suprimido como denominação geral para a categoria e substituído por “transtorno do espectro autista”, que foi uma mudança bem recebida.

Os transtornos tipicamente se manifestam cedo no desenvolvimento, em geral antes de a criança ingressar na escola, sendo caracterizados por déficits no desenvolvimento ou diferenças nos processos cerebrais, o que acarreta prejuízos no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional. Os déficits de desenvolvimento variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas até prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência. (DSM-5, 2022, p. 35).

Mesmo com todo avanço sobre o conhecimento do distúrbio com o passar dos anos, as causas do autismo ainda são desconhecidas. Uma das hipóteses é que tenha relação com algumas anormalidades presentes no cérebro que não se definiu e que provavelmente tenha sido de origem genética ou causados por problemas na gravidez ou ainda, no momento do parto. Ou seja, não existe uma certeza sobre a casualidade, podendo considerar algumas problemáticas vivenciadas durante toda a gestação (Santos; Grillo, 2015).

A educação especial viveu profundas transformações durante o século XX, impulsionada pelos movimentos sociais que reivindicavam mais igualdade entre todos os cidadãos e a superação de qualquer tipo de discriminação, incorporou-se, aos poucos, ao sistema educacional regular e buscou fórmulas que facilitassem a integração dos alunos com alguma deficiência (Coll; Palacios; Marchesi, 2004).

Oliveira (2020) descreve que “um dos maiores desafios da atualidade é proporcionar uma educação para todos, sem distinções, além de assegurar um trabalho educativo organizado e adaptado para atender às Necessidades Educacionais Especiais dos alunos”.

É importante dizer que o ambiente familiar é essencial para o desenvolvimento de qualquer criança. Muitas vezes, porém, a educação das crianças com deficiências ficou a cargo de especialistas (professores, psicólogos etc.), distanciando à família a um papel supostamente secundário. Por um lado, existe na sociedade atual uma grande variedade de estruturas familiares: tradicionais, monoparentais, adotivas, com ou sem irmãos, com ou sem o apoio dos parentes. A família interage em atividades e rotinas estabelecidas, como: Pinturas, atividades sensoriais e sonoras feito de reciclagem.

PESQUISA-AÇÃO E A PROPOSTA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A metodologia utilizada na pesquisa foi a pesquisa-ação, pois,

É um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 2022, p. 20)

Severino (2017, p. 127), reforça essa ideia de se envolver na pesquisa:

A pesquisa-ação é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados.

Na primeira fase do projeto foi concentrada na pesquisa com a comunidade/grupo específico, delimitou-se a região, área, grupo e juntou-se toda a informação disponível e redigiu-se o referencial teórico, a análise e interpretação para uma posterior confrontação com o conhecimento produzido.

A delimitação do campo de observação empírica, no qual se aplica o tema da pesquisa, é objeto de discussão entre os interessados e os pesquisadores. Uma pesquisa-ação pode abranger uma comunidade geograficamente concentrada (favela) ou espalhada (camponeses). Em alguns casos, a delimitação empírica é relacionada com um quadro de atuação, como no caso de uma instituição, universidade etc. (Thiollent, 2022, p. 70)

Na segunda fase foi elaborado um instrumento para a coleta de dados: o Google Formulário, contendo informações sobre a identificação do projeto e da criança ou

adolescente, se é aluno do CAP, dependente de funcionários da UFRR ou comunidade externa, fotografia, data de nascimento, o sexo, nome do pai e da mãe, raça/cor/etnia, se está matriculado regularmente, nível de suporte da criança ou adolescente, se tem laudo e se toma algum medicamento e, por último, um breve histórico/biografia da criança e adolescente que se candidata à vaga. Após a coleta, foram marcadas reuniões com a equipe do projeto para elaboração da próxima fase.

Na terceira fase, a pesquisa tomou contato com as crianças e responsáveis, através de questionário online e foi marcada uma reunião para todos os responsáveis e as crianças para falar sobre o projeto, horários e dúvidas. Os registros foram feitos por meio de diário de campo, fotografias e filmagem. A partir dos questionários entramos em contato com os responsáveis e informamos o dia do primeiro contato presencial.

Na quarta fase, foi elaborado o programa pedagógico, todos os envolvidos no projeto se reuniram todas as segundas-feiras, a partir das 14h, na sala dos professores do Colégio de Aplicação onde foram traçados o conjunto de temas que seriam abordados nas aulas do projeto.

A quinta fase, foi o momento da ação, o primeiro encontro com os pais foi em junho do ano de 2023, foi informado como seria posto em ação o projeto, dias e horário, houve a apresentação da equipe que iria trabalhar no projeto feita pela coordenadora do projeto, que finalizou sua fala agradecendo a disposição daqueles que compareceram, a expectativa do projeto era de se ter duas turmas de 10 alunos cada, porém, apenas 13 responderam o formulário online e, destes, apenas 11 vieram efetivamente para a reunião, sendo que menos da metade participou das aulas.

O planejado foi explorar em sala de aula instrumentos de timbres diferentes para experimentação, assim como a utilização da voz, gestos e dança para as crianças que puderem executar. Os jogos utilizados foram retirados do livro Brincando com Música na sala de aula: jogos de criação musical usando a voz, o corpo e o movimento, da autora Bernadete Zagonel. Ao analisar os diversos jogos do livro, optei por aqueles que se aproximavam do que me propunha a realizar, então os jogos escolhidos foram:

Nome	Objetivos	Descrição	Atividades e conteúdos musicais
O som que vem do gesto	<ul style="list-style-type: none"> - Estimular a imaginação sonora; - Iniciar a dissociação entre gesto e som, para torná-los independentes; - Intensificar a compreensão da relação entre som e escrita. 	Um participante faz um gesto com os braços ou com o corpo todo, sem som, e o seguinte, à sua direita, repete o mesmo gesto, associando a ele um som vocal que inventou para essa gesticulação. Segue-se um em seguida do outro até completar o círculo, como no jogo Dominó.	<ul style="list-style-type: none"> - Altura dos sons: execução e percepção do movimento sonoro do grave para o agudo e vice-versa; - Intensidade: execução e percepção de diferentes nuances de forte e fraco do som; - Timbre: características vocais ou instrumentais; - Duração do som: enfocando, principalmente, contrastes entre sons longos e curtos; - Noção de frase musical; - Escrita dos sons com grafismos; - Organização de partituras; - Relação entre gesto e som.
A música da dança	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhar na elaboração de sequência organizada, com início, meio e fim. Agora, não se trata mais da expressão espontânea de uma ideia musical, mas sim, de uma expressão elaborada, que parte do visual (gesto) e chega ao musical; - Desenvolver a noção de organização e de 	Este exercício dispõe de três fases diferentes: I° fase — Elaboração da sequência de gestos e apresentação: cada grupo elabora uma sequência de gestos, semelhante ao que já foi feito no jogo Acumulativo, mas, dessa vez, de maneira estruturada, para ser apresentada aos outros. Enquanto um grupo	<ul style="list-style-type: none"> - Escrita musical com grafismos; - Partitura musical; - Interpretação musical.

	<p>elaboração de uma partitura musical, sendo a anotação dos gestos feita de maneira improvisada;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Praticar o processo inverso, ou seja, criar uma música a partir da partitura; - Instigar o hábito de inventar códigos para grafar sons, provocando a familiarização com a notação; - Provocar a descontração e a desenvoltura para usar o próprio corpo de maneira expressiva. 	<p>se apresenta, cada participante vai tomando nota, em forma de partitura gráfica, dos gestos executados;</p> <p>2º fase — Sonorização dos gestos e apresentação: uma vez concluídas as apresentações, os grupos voltam a se reunir para escolher, a partir das anotações feitas, qual das partituras irão sonorizar. Ou seja, o que anteriormente foi apresentado somente com gestos, agora, será reapresentado, por outro grupo, somente com sons.</p> <p>Novamente cada grupo apresenta sua sequência sonora, para que os outros identifiquem a que coreografia corresponde.</p> <p>3º fase — Integração gesto/som: para concluir, cada grupo de origem (que elaborou a peça gestual) apresenta-se novamente, desta vez acompanhado dos sons do segundo grupo, integrando, assim, a música aos gestos.</p>	
<p>Marionetes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar um movimento corporal a partir do som, 	<p>Uma das pessoas da dupla fica parada em pé como se fosse</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Direção e movimento do som.

	<p>enquanto se percebe a sua direção (de onde ele vem) e seu movimento no espaço;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a prontidão para atender com o corpo, rapidamente, as ordens dadas pelo som. 	<p>um boneco de marionete, que se movimenta por fios. À outra, com um instrumento na mão, começa a fazer sons perto de uma determinada parte do corpo de seu companheiro, sugerindo, assim, que ele movimente a parte do corpo em questão, seguindo o instrumento até parar o som. Se, por exemplo, o instrumento faz sons próximos ao cotovelo, o boneco vai movendo o cotovelo como se este estivesse preso a um fio que o liga ao instrumento e interrompe o movimento somente quando não houver mais som. Em seguida, trocam-se os papéis.</p>	
Mensagens de tambor	<ul style="list-style-type: none"> - Perceber a implicação do gesto no resultado sonoro: raspar, bater, tamborilar, deslizar etc; - Imitar e reproduzir gestos a partir da sensação física; - Perceber a relação da intensidade de força do gesto resultando na intensidade sonora. 	<p>Os participantes devem se posicionar, dois a dois, um de frente para as costas do outro. O de trás bate com as mãos nas costas do da frente, que deve reproduzir imediatamente o que sente em batidas num tambor que tem no colo, comunicando a todos a mensagem recebida. Depois,</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Relação gesto e som; - Relação da intensidade de força do gesto versus intensidade sonora.

		trocam-se as funções.	
--	--	--------------------------	--

REFLEXÕES ACERCA DOS RESULTADOS OBTIDOS

No jogo “A Música da Dança”, foi elaborada uma sequência de início, meio e fim, adicionado uma música chamada “Vamos Fazer Uma Ginástica”, do grupo “A Bandinha Encantar”, onde a repetimos tanto quanto fosse necessária para as crianças, a música serviu para instigar o hábito de desenvolver a liberdade e expressão corporal.

Segundo Mariani (2012, p. 45)

O aluno [...], através de gestos pode expressar o balanço de uma cantiga de ninar ou diferentes figuras rítmicas, pode responder intuitivamente a perguntas-respostas de uma melodia ou, ainda, improvisar cantando figuras rítmicas e melódicas os compassos vazios de uma canção [...]. O corpo, uma vez convertido em instrumento musical, deve poder expressar os elementos da música, como ritmo, melodia, harmonia, fraseado e dinâmica, por meio do movimento e da expressão corporal.

A autora mostrou a elaboração da sequência de gestos e mostrou como cada gesto era para ser desenvolvido, foram apresentadas as notas musicais para identificar e as crianças também ouviram para continuar a atividade, a princípio não se interessaram, pois perderam logo o foco, querendo brincar uns com os outros, como o tempo era curto não conseguiu-se terminar as atividades, que foi postergado para a aula seguinte.

Crianças com TEA enfrentam muitos desafios para aprender devido aos seus obstáculos com multitarefas, é previsível que algumas dessas dificuldades resultem diretamente da própria inabilidade social, e outras ocorram basicamente como consequência dos problemas sociais. Com frequência, pode haver dificuldades na aquisição de competências de aprender a aprender, como dividir um foco de atenção, permanecer sentado, focar nos professores, etc. (Volkmar, 2019, p. 105).

No jogo “O Som que vem do gesto”, tentou-se estimular a imaginação sonora com as crianças autistas, mostrando gestos e sons para cada uma, as crianças ficaram alinhadas um atrás da outra e foi adicionado uma música chamada “Vamos Fazer Uma Ginástica”, do grupo “A Bandinha Encantar”, foi expresso os gestos com o corpo, a princípio sem som e em seguida

foram acrescentados outros gestos até completar como um jogo de dominó, a princípio a dinâmica foi por meio de improvisações.

A improvisação é o momento criativo em que o aluno demonstrará suas próprias ideias musicais e os conteúdos que foram assimilados a partir da experiência. É o momento em que o aluno se torna compositor e coreógrafo, é o momento da síntese. (Mariani, 2012, p. 45)

Repetiu-se várias vezes para as crianças compreenderem a dinâmica, houve dificuldades, pois, nem todas queriam realizar a atividade, várias vezes interrompeu-se para chamar atenção, algumas crianças fizeram sem problema e foi muito divertida a realização e as crianças foram amorosas e compreensivas para trabalhar.

A educação física pode ser um desafio especial para esses estudantes; por exemplo, podem levar mais tempo para trocar de roupa que outras crianças; o vai e vem no vestiário talvez seja muito; e esportes de equipe podem ser muito desafiadores devido à combinação de exigências de competências organizacionais, motoras e sociais. Pode-se utilizar a educação física adaptada quando apropriado, com professores especialmente treinados que trabalham com alunos em grupos menores. (Volkmar, 2019, p. 188).

Foi acrescentado um outro jogo chamado “Mãos Sensoriais”, essa brincadeira sensorial é excelente para as crianças autistas, pois ajuda a desenvolver a integração sensorial, a percepção de texturas, sons, cores e movimentos. Elas podem ser realizadas com areia, água, massinhas de modelar entre outros materiais. Para Volkmar (2012, p. 218), os problemas motores e sensoriais também podem ser trabalhados com a ajuda de terapeutas ocupacionais e fisioterapeutas. Para Farrell (2008, p. 14), observa que alguns alunos com esse transtorno apresentam uma percepção sensorial diferente, e isso pode fazer com que algumas crianças considerem certos sons e ruídos muito desagradáveis, por exemplo.

O objetivo da atividade é o desenvolvimento e aprimoramento da motricidade fina, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e temporal. Essa atividade permite a criança viver experiências sensoriais, desenvolve a percepção, de si e do meio que a cerca.

RESULTADOS E CONCLUSÕES

Foram ministradas três aulas expositivas, com duração de uma hora cada aula, uma vez na semana. Na primeira aula, abordou-se a atividade “mãos sensoriais”, com os seguintes objetivos: desenvolver a integração sensorial; estimulação da percepção sensorial. estimular a imaginação sonora; iniciar a dissociação entre gesto e som, para torná-los independentes; intensificar a compreensão da relação entre som e escrita. Na segunda aula, explanou-se a atividade “o som que vem do gesto”, que percorreu os seguintes objetivos: estimular a imaginação sonora; iniciar a dissociação entre gesto e som, para torná-los independentes; intensificar a compreensão da relação entre som e escrita. Na terceira aula, trabalhou-se “a música da dança”, que tinha os seguintes objetivos: trabalhar na elaboração de sequência organizada, com início, meio e fim; desenvolver a noção de organização e de elaboração de uma partitura musical; provocar a descontração e a desinibição para usar o próprio corpo de maneira expressiva.

O sistema sensorial envolve o tato (resposta dos receptores da pele sobre o toque, pressão, temperatura, dor e movimento dos pelos sobre a pele), a audição (habilidade de perceber corretamente, discriminar, transformar e reagir a sons), as informações orais (relativas à boca, à percepção, discriminação, processamento e resposta ao paladar ou a estímulos dentro da boca), o olfato (habilidade de perceber corretamente, discriminar, processar e responder a diferentes odores), visão (habilidade de perceber, discriminar, processar e responder ao que se vê), vestibular (situado no ouvido interno, responsável sobre as reações ao movimento e equilíbrio), proprioceptivo (o sentido da posição do corpo, o peso, alongamento, movimentos e alterações na posição).

A atividade “mãos sensoriais” permite a criança viver experiências sensoriais, desenvolve a percepção, de si e do meio que a cerca. Além disso, estimula a percepção sensorial com sabores, sons, cheiros e texturas em atividades escolares, favorece o desenvolvimento da criatividade e da inteligência. É uma atividade simples e divertida, recomendada para crianças com TEA, auxilia no desenvolvimento motor, trabalha a concentração e percepção sensorial e corporal. Os resultados desta atividade foram satisfatórios, tanto no que diz respeito ao objetivo de desenvolver a integração social quanto

no que diz respeito à estimulação da percepção sensorial. Todas as crianças participaram, apesar das dificuldades encontradas para executar as tarefas.

No jogo “O Som que vem do gesto”, tentou-se estimular a imaginação sonora com as crianças autistas, mostrando gestos e sons para cada uma, as crianças ficaram alinhadas um atrás da outra, a discente (eu) fazia os gestos com o corpo, a princípio sem som e em seguida foram acrescentados outros gestos até completar como um jogo de dominó. A princípio a dinâmica foi por meio de improvisações, tivemos que repetir várias vezes para as crianças compreenderem, pois um dos sintomas do autismo contemporâneo são: acessos de raiva intensos; fica preso em um único assunto ou tarefa; baixa capacidade atenção; pouco interesse; é hiperativo ou muito passivo; comportamento agressivo com outras pessoas ou consigo; necessidade intensa de repetição; e faz movimentos corporais repetitivos. Houve dificuldades para a execução da atividade, uma vez que nem todas as crianças estavam dispostas a realizar o jogo. Por diversas vezes, interrompemos para chamar a atenção para a atividade. Algumas crianças cumpriram sem problemas e isso foi extremamente divertido. Além disso, as crianças demonstraram ser amorosas e compreensivas ao trabalhar.

Trabalhamos percepções diferentes, timbre, movimento sonoro, intensidade, como o seguinte objetivo, segundo o plano de aula: Iniciar a dissociação entre gesto e som, para torná-los independentes, o que foi observado é que algumas crianças compreenderam essa atividade e outras nem tanto, observou-se que todos tem dificuldade na parte da lateralidade na parte de bater palmas, de seguir um atrás do outro. Pessoas com TEA têm dificuldades em receber, integrar e responder às informações sensoriais.

O sistema sensorial capta informações do ambiente a todo instante, mas é o processamento sensorial que dá sentido ao que é recebido. Sem um processamento sensorial adequado, haveria somente um conjunto de informações sensoriais captadas do ambiente, sem significado ou organização. É um processo dinâmico e cíclico, que funciona com feedback, ou seja, conforme o indivíduo realiza uma atividade, o próprio movimento gera estímulos sensoriais, que devem ser organizados e transformados em respostas, o que conseqüentemente gera mais estímulos, criando um ciclo. (Voos et al., 2020, p. 233-234)

Houve dificuldade para dizer o que era direita e esquerda, e cada criança tentou fazer gestos com o som e o corpo. Os resultados dessa atividade foram satisfatórios, apesar das

limitações das crianças, que tivemos que respeitar e compreender na hora de executar as atividades. No que diz respeito a esta atividade, os objetivos foram atingidos de acordo com o plano de aula, as crianças se divertiram com este jogo.

No jogo “A Música da Dança”, que foi uma atividade realizada com as crianças TEA, foi elaborada uma sequência de início, meio e fim, foi adicionado uma música “Vamos Fazer Uma Ginástica”, do grupo “A Bandinha Encantar”, onde a repetimos tanto quanto fosse necessária para as crianças, a música serviu para instigar o hábito de desenvolver a liberdade e expressão corporal.

Voos *et al.* (2020, p. 234-235), aponta sobre o equilíbrio e controle postural nas crianças com TEA:

O equilíbrio e o controle postural constituem a base da autonomia motora. Crianças com autismo apresentam alterações no comportamento motor. O equilíbrio e o controle postural constituem a base da autonomia motora. Qualquer habilidade motora básica (ex. andar, correr, pular, pegar, lançar etc.) exige como pré-requisito, um adequado controle da postura e automatização das reações de equilíbrio. Da mesma forma, a orientação, que é a relação com o espaço circundante, exige uma clara e equilibrada referência postural do próprio corpo. O controle postural em autistas apresenta menor estabilidade, maior oscilação, maior dependência da visão, necessitando de grande número de ajustes antecipatórios e maior variabilidade nos ajustes compensatórios.

A autora apresentou a sequência de gestos e explicou como cada um deveria ser desenvolvido. As notas musicais foram apresentadas para identificar e as crianças também ouviram para prosseguir com a atividade. No início, não se interessaram, pois logo perderam o foco, querendo brincar uns com os outros. Como o nosso tempo era curto, muitas vezes não conseguimos finalizar as atividades, deixando-as para a aula seguinte. Deficiências de comunicação social de crianças com TEA podem prejudicar suas habilidades para se envolverem em “grupos” e relações entre pares (Voos *et al.*, 2020).

A coreografia foi executada em círculos junto com a música onde cada um realizou as atividades do seu jeito. Com relação a esta atividade, os resultados foram obtidos parcialmente, pois no objetivo: Desenvolver a noção de organização e de elaboração de uma partitura musical, as crianças não conseguiram executá-la, pois não houve compreensão total

do objetivo; nos objetivos: Trabalhar na elaboração de sequência organizada, com início, meio e fim e provocar a descontração e a desenvoltura para usar o próprio corpo de maneira expressiva, as crianças conseguiram alcançar os dois objetivos.

As soluções mais eficazes para a inclusão de crianças autistas na sociedade são o foco deste estudo, que buscou entender como a educação musical na rede pública se aplicava a essas crianças. Observou-se a carência de metodologias específicas voltadas para esse público. No entanto, a escola oferece uma série de recursos, como cursos, palestras e seminários direcionados a essas crianças, além de contar com uma sala multifuncional e professores treinados especialmente para atendê-las. Cada turma conta com um acompanhante, o que demonstra que, embora o currículo musical ainda precise ser adaptado para alunos com autismo, a escola compensa com profissionais qualificados que oferecem suporte integral a esses estudantes.

Referências

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Tradução: Fátima Murad. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

FARRELL, Michael. **Dificuldades de comunicação e autismo: guia do professor**. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. Tradução: Daniel Vieira, Marcos Viola Cardoso, Sandra Maria Mallmann da Rosa. Revisão técnica: José Alexandre de Souza Crippa, Flávia de Lima Osório, José Diogo Ribeiro de Souza. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

MANUAL diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-IV-TR. Tradução de José Nunes de Almeida. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 28 nov. 2022.

PACHECO, Ana Cléia de Moraes. **Prática de ensino de música com crianças autistas: um relato de experiência sobre ações desenvolvidas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima**. Orientador: José Rodrigo Santos Velho. 2023. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2023.

SANTOS, Fabiana Haro dos; GRILLO, Mariana Aparecida. Transtorno do espectro autista – TEA. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 12, n. 3, p.30-38, jul/set 2015. DOI: 10.5747/ch.2015.v12.n3.h218s. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292176187_TRANSTORNO_DO_ESPECTRO_AUTISTA_-_TEA/fulltext/590b3af9a6fdcc49617aae87/TRANSTORNO-DO-ESPECTRO-AUTISTA-TEA.pdf?_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InBIYmxpY2F0aVW9uliwicGFnZSI6InBIYmxpY2F0aVW9ulnI9. Acesso em: 30 maio 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2022.

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A. **Autismo**: guia essencial para compreensão e tratamento. Tradução de Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2019.

VOOS, Mariana Callil; MENDONÇA, Fabiana Sarilho de; GARCIA, Tarita Inoue Oliveira; JORGE, Wania Christina. As principais alterações sensório-motoras e a abordagem fisioterapêutica no transtorno do espectro autista: atuação do fisioterapeuta nos transtornos do espectro autista. *In*: COSTA, Elson Ferreira; SAMPAIO, Edilson Coelho. (org.). **Desenvolvimento da criança e do adolescente**: evidências científicas e considerações teóricas-práticas. São Paulo: Editora Científica, 2020. p. 227-252.

ZAGONEL, Bernadete. **Brincando com a música na sala de aula**: jogos de criação musical usando a voz o corpo e o movimento. Curitiba: InterSaberes, 2012.